

Diário de campo: impressões de viagem ao barroco luso-brasileiro

Lucas van Hombreeck, Bolsista de *Apoio à Pesquisa* modalidade graduação pelo edital PNAP/2016 - Fundação Biblioteca Nacional

Resumo

O ensaio, dividido em duas partes, pretende dar conta do processo da pesquisa que resultou na produção do *Catálogo da poesia seiscentista da Biblioteca Nacional*. Para isso, na forma de um diário de campo, registra a experiência dos métodos empregados refletindo sobre seus alcances e limites. Ao fim, descreve os desdobramentos teóricos do estudo retórico-poético da poesia seiscentista com vistas à sua mobilização e intervenção no tempo presente.

Palavras chave: Barroco, poesia, metodologia

Abstract

This essay, which is divided in two parts, aims to give an account of the research process that resulted in the production of the *Catálogo da poesia seiscentista da Biblioteca Nacional* [Brazilian National Library's seventeenth century poetry catalog]. For that purpose, it registers, in the form of a field diary, the experience of the employed methods while reflecting on its achievements and limitations. In the end it describes the theoretical outcomes of the rhetoric-poetic study of seventeenth century poetry aiming towards its mobilization and intervention in the present time.

Keywords: Baroque, poetry, methodology

Este ensaio, escrito em cumprimento ao item 9.4 do edital de seleção de bolsistas PNAP/2016 da Fundação Biblioteca Nacional, tem por objetivo dar conta do processo da pesquisa que resultou na produção do *Catálogo da poesia seiscentista da Biblioteca Nacional*, realizado ao longo do ano de 2017. O texto, que passará por dois momentos, fará no primeiro um relato de trajetória contendo os métodos empregados, seus alcances e limites dentro da instituição. No segundo, tratará das consequências teóricas e reflexivas resultantes do estudo qualitativo, retórico e poético, dos textos levantados.

A experiência relatada fez parte dos trabalhos de auxílio, como bolsista graduando, à professora e bolsista PNAP/2016 Maria do Socorro Fernandes de Carvalho (UNIFESP). A principal referência teórica da forma do ensaio, conforme indica o título, é a tese *Impressões de viagem*, da professora Heloísa Buarque de Hollanda (2004). Como escreve Umberto Eco (2010), quem faz uma citação paga uma dívida: no caso, à institucionalização de uma escrita atenta aos processos da perspectiva de sua vivência.

Métodos e trajetórias de pesquisa: alcances e limites

O objetivo da pesquisa era produzir um catálogo da poesia luso-brasileira do século XVII a partir do acervo da Biblioteca Nacional. A publicação daria continuidade ao *Catálogo dos Quinhentistas Portugueses da Biblioteca Nacional*, organizado em 2004 pelas professoras Sheila Moura Hue e Ana Virgínia Pinheiro, e teria como modelos alguns outros livros mais tarde incorporados como fontes terciárias da pesquisa: a *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVII*, da Biblioteca Nacional de Portugal; o *Dicionário cronológico de autores portugueses*, do Instituto português do livro; o *Catálogo das obras impressas no século XVII do Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa*, entre outros.

A primeira diferença em relação ao modelo sucedido, no entanto, se anunciava logo de início: por conta do desenvolvimento e popularização das tecnologias de imprensa, inventadas no século XV, o volume de material seiscentista do acervo da biblioteca é diversas vezes maior do que o que estava mapeado pela publicação a que daríamos sequência. Assim, a primeira tarefa foi levantar os mecanismos e critérios

de pesquisa disponíveis para se chegar a esses textos, de mais de quatrocentos anos de idade.

Mesmo a catalogação da biblioteca, no entanto, apresenta seus problemas. Originalmente formada por fichas manuais, foi transposta para o formato digital “a toque de caixa”, conforme informou um dos servidores do setor de obras raras (OR) em certa ocasião. Essa operação deu causa não apenas a potenciais omissões como a erros tipográficos na base de dados eletrônica, dificuldade a que se soma o fato dos textos procurados serem escritos numa língua portuguesa ainda jovem, próxima do latim e do castelhano, com grafias estranhas ao contemporâneo.

Nesse processo, a catalogação do acervo se espalhou por três bases: a física, em fichas de papel disponíveis para consultas *in loco*; a plataforma WISIS, montada a partir do primeiro esforço de digitalização e passível de consulta apenas nos dois computadores do setor de OR; e o Sophia - Terminal web, que pode ser acessado de qualquer computador com conexão à internet.

A pergunta a respeito da precisão de cada uma delas não é fácil de ser respondida, e de fato deu causa a diferentes respostas por parte de distintos servidores em diversas fases do trabalho. Inicialmente, acreditamos que o mecanismo mais confiável seria o WISIS. E começamos por ele.

A dinâmica do trabalho consistia primeiramente em levantar uma lista de autores segundo o recorte cronológico, em ordem alfabética. Para isso, foram consultadas fontes primárias, secundárias e terciárias. Nesse sentido, vale citar o *Estudo retórico-poético das letras luso-brasileiras do século XVII*, de autoria da professora Maria do Socorro Fernandes de Carvalho, que prefacia o resultado da pesquisa:

[...] A ingente coleção *Bibliotheca Lusitana, histórica, crítica e cronológica*. Na qual se compreende a notícia dos authores portuguezes e das obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da ley da graça até o tempo presente, publicada entre os anos de 1741-1759 em Lisboa por Diogo Barbosa Machado, e os *Anais da Biblioteca Nacional*, trabalho de valor inestimável elaborado pelos bibliotecários da Casa, tomaram o lugar de *fonte primária* pela abrangência, legitimidade e acuidade das edições. Os cerca de 150 opúsculos organizados por Diogo Machado no século XVIII, já referidos, foram tomados como *fonte secundária* por incidirem sobre obras de autores que, de modo geral, nunca publicaram seus livros individualmente e que estariam provavelmente excluídos dos registros de arquivos e bibliotecas se não fosse por tal compilação extraordinária, pois o baixo número de títulos individuais de poesia publicados no século XVII constituiu-se sempre um argumento para o desconhecimento e decorrente desprestígio historiográfico dessas letras. Outros catálogos bibliotecários somaram-se como *fonte terciária*, nomeadamente os seguintes títulos: *Bibliografia das obras impressas em*

Portugal no século XVII, da Biblioteca Nacional de Portugal; *Dicionário cronológico de autores portugueses*, do Instituto português do livro; *Catálogo das obras impressas no século XVII do Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa*, entre outros (CARVALHO, 2018)

Feitas as listas, que não deixaram de ser revisadas (e em geral aumentar) até o fim dos prazos, cabia fazer a busca pelo nome do autor na plataforma WISIS. Em caso de dúvida, restava recorrer às fichas catalográficas. Essa forma de pesquisa, no entanto, logo trouxe um problema de ordem prática.

Essa plataforma, como referido, só pode ser acessada por meio dos dois computadores abertos ao público no setor de OR. O uso desses terminais, em razão do regulamento da casa, está restrito a atividades de consulta. Significa que ferramentas como programas de texto (Microsoft Word, OpenOffice, Bloco de notas etc.) e acesso a contas de e-mail hospedadas na internet estão vedados. A dinâmica do trabalho impunha que se fizesse consultas ao WISIS por nome do autor a partir de uma lista montada em um arquivo de texto. Os resultados deveriam ser organizados também em arquivos desse tipo e enviados à pesquisadora parceira para que o texto final pudesse ser gradativamente formado.

Notificado da impossibilidade de manipular informações nos computadores do setor, que por outro lado eram os únicos nos quais se poderia obter tais informações, busquei junto ao setor de pesquisa da BN mediação a fim de que o conflito pudesse ser resolvido. No meio tempo, passei a trabalhar com um pen-drive a fim de deixar de utilizar o e-mail nestas máquinas e restringir o acesso ao WISIS e ao software de texto instalado nelas. Depois de um breve período, que não deixou de contar com o esforço do setor de pesquisa, fomos informados de que apesar da dificuldade representada pela regra de uso das máquinas a base Sophia contaria com todas as informações indexadas no WISIS. Seguimos as pesquisas por lá.

Usando como mecanismo básico o Sophia, subsidiado quando necessário pelas fichas físicas, montamos arquivos para cada autor contendo os resultados de pesquisa e anotações do sistema. Reproduzo um trecho de um deles, como exemplo:

André Nunes da Silva (1630-1705)

Status: sem problemas

Poesias várias, 1671. [Inclui Hecatombe sacra, ou Sacrificio..., 1686]

Sonetos à Conceição da Virgem, 1695

Hecatombe sacra, 1686. [O tomo encontrado traz os três livros acima encadernados num só volume pequeno. São 30 os sonetos à Virgem.][LF 53, 1. 30]

PROCURA-SE:

- Voto métrico e aniversário..., 1695. [visto na BN, Obras gerais, mas não encontrado depois!]

Obras gerais: 6 registros de 3 obras

Rosemarie Horch: 0

WISIS Obras raras: os mesmos acima (6 registros de 3 obras)

Anotações do sistema

MFN: 2002 DIORA.MST

No. Controle: 96101805472268001

Identificador No. Controle: Br

Data/h/ult.op: 20010717163732.8

Data entr/tipdtpub: 920806s16710000po 001 0 porxu

No. Argonauta: BN001567675

Fonte Catalogação: Br, por

Classificação Decimal: 869.1

Localização Fixa: 053,001,030 n. 001

Autor: Silva, Andre Nunes da,, 1630-1705.

Título principal: **Poesias varias de Andre Nunes da Sylva / , recolhidas por Domingos Carneiro ... -**

Imprenta: Em Lisboa ;, Por Domingos Carneiro,, 1671.

Descrição Física: [24], 268 [i.e. 272]p. ;, 16cm. (8vo)

Notas Gerais: Tipografia: texto em portugues e espanhol. Páginas alternadas em branco.

Ilustrações: página de rosto com cercadura. Vinhetas.

Erros de numeração das páginas: constam 3 p. não numeradas, após a p. 56; e uma página não numerada, após a p. 81. A p. 134 está repetida na numeração.

Errata (p. [6], inicial).

Notas Com: Com: Hecatombe sacra, ou Sacrificio de cem victimas ... / escrito por Andre Nunez da Sylva. Lisboa : Na officina de Miguel Deslandes, 1868.

Notas Locais: Ex-libris: Didacus Barboza Machado, n. 3047.

Carimbo: Da Real Bibliotheca.

Secundária Nome Pessoal: Carneiro, Domingos,, sec. XVII.

Sigla do Acervo: Livros Raros

No.: 98062214575691E20

Localização Antiga: PL, 1, 17n.

Esse é o cabeçalho do arquivo e um dos resultados de pesquisa de *um* autor. Ao todo, passamos por mais de 120 deles, contando em geral com diversas obras cada um e sendo a menor parte delas composta por poemas, tipo de texto que interessava ao catálogo.

A determinação do gênero textual das obras, por sua vez, não foi simples. Ela dependia do exame, caso a caso, do acervo físico da BN. Isso porque a noção de *gênero* no século XVII, apesar de extremamente importante, não determinava com precisão se um texto era prosa ou poesia. Um panegírico, por exemplo, espécie de discurso elogioso dirigido geralmente a autoridades políticas *lato sensu*, podia ser escrito em prosa ou em verso. O mesmo pode ser dito de um vitupério, discurso maledicente, ou de uma écfrase, descrição de pessoa ou objeto. Assim, foi necessário acessar e ler todos os documentos com a possibilidade de conter poemas para definir o que entraria ou não no catálogo.

Feitos os primeiros ajustes, a pesquisa se desenvolveu com tranquilidade em diversas sessões de trabalho dedicadas à consulta dos resultados levantados nas listas de autor e ao registro das experiências. Passados alguns meses, no entanto, fomos informados de que a biblioteca entraria em obras e o setor de OR ficaria fechado. A solução seria enviar uma lista com os livros que precisaríamos consultar nos próximos meses para que fossem reservados. Apesar da determinação precisa dos livros ser difícil (as listas de autores eram permanentemente revisadas e atualizadas) assim fizemos, nos dirigindo ao setor de manuscritos para continuar de lá os trabalhos.

Quando começamos a acessar o acervo remotamente, de outro setor e a partir da lista de pedidos de reserva, notamos que diversas obras pedidas não haviam sido reservadas e se encontravam fora de acesso, ainda sob a lona das obras. Além desse fato, que provocou atrasos no andamento da pesquisa, duas outras questões relativas a normas de uso do acervo merecem nota. A primeira é que a definição dos livros fora de consulta em virtude da precariedade de sua condição material fica a cargo do(a) bibliotecário(a) que recebe o pedido do acesso. Essa operação, aparentemente, realizada no momento em que o(a) servidor(a) pega a obra na estante, guarda uma discricionariedade que produz decisões contraditórias entre os membros do setor.

A segunda questão faz menção à norma que define o limite de acesso a dois livros por vez por pesquisador. Num trabalho de levantamento e catalogação como o realizado, em que o número de obras compulsadas está na casa das centenas, essa limitação consome muito tempo dos bolsistas e servidores, que precisam estar em constante trânsito para atender às necessidades da pesquisa. Parece que o tratamento normativo do pesquisador a serviço da instituição em igualdade ao do visitante ocasional é contraproducente, nesse caso.

Apesar dos problemas apontados, que não deixaram de causar alguns atrasos, acessamos o que podia ser acessado durante a obra até que ela chegou ao seu fim. De volta ao setor de OR, continuamos os procedimentos descritos normalmente até a completude do catálogo. O setor de obras gerais foi menos utilizado, mas cumpriu sua função em relação a fontes específicas e de igual importância.

Feito o relato dos procedimentos empregados, seus alcances e limites institucionais, seguimos agora à segunda parte do ensaio. Nela, a trajetória relatada será menos metodológica e mais qualitativo-teórica, descrevendo um percurso de conhecimento em um campo de estudos das letras que coloca em perspectiva diversas das noções modernas de poesia.

Estudos retóricos-poéticos e consequências teóricas

A primeira lição dos estudos das letras do século XVII é a da necessidade de sua historicização. É preciso, sob pena de se cometer graves anacronismos, entender o que se concebia por poesia e escrita de forma geral um século antes da invenção do conceito de literatura. Nesse sentido, vale novamente citar o *Estudo retórico-poético das letras luso-brasileiras do século XVII*:

Mas, afinal, como é essa poesia do século XVII? De modo geral, podemos entender o conceito de poesia que circulava no Seiscentos percebendo que os poemas apresentam sempre as finalidades de deleitar o leitor, em primeiro plano e, secundariamente, de lhe dar proveito pela movência dos seus afetos. Isso quer dizer que à poesia encontrava-se vinculado um sentido educativo cuja articulação a retórica ensinava o poeta a produzir dualmente no particular de cada poema, que deveria dar gosto de ser ouvido ou lido, e deveria ao mesmo tempo ensinar-lhe algo. Então, todos os conhecidos elementos com os quais identificamos a poesia: musicalidade amena, alinhavo entre sons e sentidos das palavras, figuração com imagens que se formam na mente do leitor, construção de um sentido ao final da leitura, estilo diverso da prosa e mais, tudo isso vem em primeiro lugar e constitui seu deleite. Mas, em segundo lugar, há igualmente, destinado ao mesmo leitor, o tirar-se certo aproveitamento do sentido do poema, certo proveito que acresce algum tipo de conhecimento, seja doutrinário, moral, empírico, científico, enfim, algum “ensinamento” o leitor deveria obter, algum “conhecimento” ele adquiriria. Pelo menos, esse é o preceito; e dessa maneira a poesia é ensinada nos livros sobre como fazer poesia, nas artes poéticas. O exemplo mais notório talvez se encontre na poesia religiosa, chamada *a lo divino*, intensamente publicada, que produzia de fato obras de vulgarização das escrituras sagradas, perfazendo aquele processo que os historiadores denominam de internalização da doutrina. Nota-se com evidência que essa noção encontra-se muito distanciada de nossa concepção hodierna de poesia, autônoma em relação à moral, à pragmática, à doutrina, a tudo. (CARVALHO, 2018)

Essa poesia, escrita por leitores da poesia latina de Horácio, Plauto e Juvenal; da poesia grega, tragédia e épica antigas; de narrativas cavaleirescas e cantigas provençais; redondilhas peninsulares; hendecassílabos herdeiros dos hexâmetros (*idem*) era um fazer imitativo. Sendo o *gênero* algo que ali “pode ser entendido sinteticamente como uma estrutura discursiva que codifica modelos de garantida representatividade discursiva e simbólica” (*idem*), cabia imitar poemas que alcançaram no sistema literário a posição de modelos. A noção de reescrita, apropriação, criação a partir do universo de textos existente, que não é estranha a nós, herdeiros de Jorge Luís Borges e do *artista dj* de Nicolas Bourriaud, já encontra aí algo de sua elaboração. Mas é necessário considerar as diferenças, novamente, a fim de não ser anacrônico.

O desejo e necessidade da historicização referida encontraram resposta, no curso do projeto, em duas monografias. *A Sátira e o Engenho, Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*, de João Adolfo Hansen e *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*, de Norbert Elias. A primeira, tese de doutorado do professor emérito da USP, foi responsável por uma virada na recepção crítica da sátira do poeta baiano. Justamente por conta de sua preocupação histórica, coloca a poesia analisada em relação com a sociedade da época, suas mentalidades, e o universo de textos ali relevantes para a língua. O segundo livro, do sociólogo conhecido por inaugurar o conceito de *(con)figuração social*, procura uma teoria da articulação entre agência e estrutura na construção de uma ordem baseada em convenções aristocráticas e papéis sociais hereditários.

Das relações entre essas leituras formou-se a comunicação *A boca e a ordem: sátira e sociedade em Gregório de Matos*, apresentada na III Jornada de pesquisadores da Fundação Biblioteca Nacional. Nela, buscou-se demonstrar como a leitura da sátira do poeta colonial poderia ser feita a partir de seus pressupostos enquanto elemento de evidência de um aspecto da teoria de Elias: o *princípio da representação da posição pela forma* (ELIAS, 2001). Dessa maneira, a poesia atuaria como *filtro* e *sujeira* no processo de apropriação de um pensamento social produzido a partir de uma experiência histórica semelhante, porém diferente, da analisada em determinada pesquisa.

Filtro porque, como critério de semelhança, denotaria a afinidade entre causas formais nas letras enquanto evidência da afinidade entre aspectos dos processos sociais tensionados nessas formas. *Sujeira* porque, como critério de diferença, se

combinaria na condição de produto social local ao elemento teórico produzido a partir de experiências históricas estrangeiras dando causa ao surgimento de um pensamento terceiro, empiricamente adequado e apto ao trânsito, sem aculturação ou provincianismo.

Mas o estudo da poesia do seiscentos não limitou seus efeitos à exegese dos poemas encontrados ou a hipóteses articulando arte e sociedade no Antigo Regime. A intimidade com os princípios de composição do barroco, a análise de sua maquinaria - e sua vulgarização - produziram consequências em outros campos da escrita mobilizados em trabalhos feitos no mesmo ano. Talvez o exemplo mais claro seja o ensaio *Consistência* (BARBOSA et al., 2018), produzido coletivamente durante a residência no Núcleo Poesia do Laboratório da Palavra¹ (PACC-UFRJ²) da Oficina Experimental de Poesia³ em parceria com a instituição.

O ensaio foi concebido dentro de uma proposta de trabalho em torno da ideia de *ruína*, em que se buscou dar seguimento a uma obra literária inacabada. O objeto arruinado escolhido foi o livro *Seis propostas para o próximo milênio* (CALVINO, 1990). Como se sabe, o autor das propostas morreu antes de terminar o texto dessas lições, deixando o conjunto incompleto. Da sexta e última parte sabemos apenas o título que receberia.

Assim, o texto, escrito com a contribuição de vários autores, tratou da dicotomia consistência/ruína. Um de seus eixos de desenvolvimento e alegoria principal se estruturou a partir da narrativa bíblica da Torre de Babel, num processo de vulgarização do conteúdo religioso cristão em sua relação com o corpo, espaço em

¹ O *Núcleo Poesia do Laboratório da Palavra* é um espaço destinado, sobretudo, ao potencial criativo dos alunos da Faculdade de Letras e a todos os interessados. Por meio de oficinas, palestras e seminários, objetiva estimular a formação de críticos de poesia, de poetas e de poetas-críticos. Assim, este Núcleo está voltado para a interlocução entre teoria e prática, destacando o *fazer* como via de aperfeiçoamento de críticos e de poetas tanto da academia quanto de fora dela, tanto do centro quanto da periferia. Incentivar e divulgar a criação poética e a reflexão acerca da poesia é seu objetivo maior. Disponível em <https://eventos.ufjf.br/evento/abertura-do-laboratorio-da-palavra-pacc/>.

² Criado em 1994, o PACC é um programa de ensino, pesquisa vinculado a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Abriga contribuições interdisciplinares produzidas nos centros de pesquisa da UFRJ e de outras entidades acadêmicas e culturais bem como de organizações da sociedade civil, no país e no exterior. Disponível em: <https://www.pacc.ufjf.br/o-pacc/>

³ A Oficina Experimental de Poesia é um coletivo literário que se articula desde 2011, atualmente instalado do Centro Cultural Municipal João Nogueira, o Imperator. As atividades consistem em encontros em que escritores, pesquisadores, professores, profissionais do meio editorial e o público interessado trocam informações e vivências sobre poesia, a cada terça-feira do mês. Disponível em: <https://oficinaexperimentaldepoesia.wordpress.com>

que a oposição citada se manifesta de maneira particularmente cotidiana e específica. Nesse percurso, são combinados elementos de religião egípcia antiga, um arcano do Tarot de Marselha, bricolagem cubana da década de 90, aspectos da organização social dos Tikmũ'ün, obras de Tunga e Eleonora Fabião, memes, experiências do fórum *Reddit* etc. O conflito entre espiritual e mundano atravessa a exposição ilustrado pela multiplicidade e complexidade dessas formas (ou causas formais, para usar o conceito aristotélico predominante no século XVII). É o que se lê em passagens como:

Se no texto antigo há o firme propósito de edificação da torre que, arruinado por Jeová, destrói a possibilidade da língua única e da compreensão total, na internet (a grande literatura hoje, ao menos em extensão), os escritores são Jeová. E, ao mesmo tempo, povo babilônico. No exemplo *Place*, ficou claro que as forças construtivas e destrutivas conviviam e eram uma e muitas, e que não compartilhavam uma língua, mas uma *linguagem*. A programação.

Ou o poema. Senão como entender, num poema aparentemente o mais perfeito, certo traço de inacabamento, alguma irregularidade na forma, a figuração de uma diferença num texto cujo procedimento parecia organizá-lo por enumeração, simetria, sugestão. Perguntar-se sobre o poema e suas figuras é como perguntar-se sobre a ruína e suas construções. Por isso, o verso em questão discute a comunidade possível no espaço arruinado. Suponhamos a construção perfeita num poema como

ALGO

A Maria da Saudade

O que raras vezes a forma

Revela.

O que, sem evidência, vive.

O que a violeta sonha.

O que o cristal contém

Na sua primeira infância.

De Murilo Mendes. Nesse segundo verso resida, e não sozinho. (BARBOSA et al., 2018)

A estrutura se aproxima do que Marcelo de Andrade Pereira escreve em comentário ao clássico *Origem do drama barroco alemão* de Walter Benjamin. Segundo o professor,

A obra de arte barroca é sempre aberta, diversa, não indicando nunca uma coisa acabada, perfeita, mas sempre o tumulto, a confusão e a morte. Isso explica porque a ruína é uma alegoria central na filosofia da história e da linguagem benjaminianas, ela representa a transitoriedade da vida, como sendo o sinal da insignificância temporal da existência humana em vista da eternidade do divino. Se a linguagem constitui a possibilidade de redenção da ordem catastrófica do mundo, então ela deve visar necessariamente a sua destruição. (PEREIRA, 2007)

Parece estranho que após um estudo tão detido dos aspectos históricos particulares de um fenômeno estético, que a bem da verdade já corria risco diante da

dicotomia teoria/história necessariamente tensionada pela hipótese envolvendo a sociologia Elisiana, tenha-se optado por um deslocamento tão grande, na produção decorrente e neste ensaio. O que ocorre é que, como pretende João Adolfo Hansen em *Barroco, neobarroco e outras ruínas* (2001), interessa “produzir novos instrumentos de análise do passado que tenham eficácia crítica como intervenção no presente” (*idem*, p. 26). Do pensamento histórico nasce uma consequência teórica, que é a consideração das formalizações normativas iniciais na apropriação do presente, sob pena da produção de uma explicação histórica comprometida pela universalização de sua particularidade (*ibidem*).

Dessa forma é que o ensaio *Consistência* se apropria de fenômenos como o rikimbili, a tal bricolagem cubana mencionada acima, e o desenvolve até chegar a uma proposta estético-política para a contemporaneidade:

Em 1991, a ilha de Cuba adentra uma crise econômica administrada sob o nome de *período especial em tempo de paz*. Nos anos que seguem, uma rede aleatória de racionalizadores de pequenos processos produtivos desenvolve uma técnica de reparos batizada pelo engenheiro Ernesto Oroza de *desobediência tecnológica*. A técnica envolve o aproveitamento de material obsoleto ou defeituoso em seu uso convencional para outras finalidades. Algumas práticas são comuns a toda a ilha, como a antena de bandeja. Outras são variações locais, como o refogado de toranja ou o rikimbili.

A antena de bandeja é uma forma de captação de ondas de televisão com o alumínio das bandejas dos refeitórios públicos, desgastadas pelo uso [...] O rikimbili é uma bicicleta com um motor aproveitado de um ventilador, uma máquina de copiar chaves ou, mais comumente, um secador de roupas. [...] O refogado de toranja é feito com alho, cebola, pimentão e limão.

[...] A oposição construção-ruína não é capaz de dar conta do rikimbili, da antena de bandeja ou do refogado de toranja. Isso, no entanto, antes de nos livrar de uma questão, cria outra ainda maior: se nem construção nem ruína, o quê?

Talvez a ruína. Mas uma ruína segunda.

[...] Quando se dá o advento do desastre, o cataclisma, a crise, como agora a temos chamado, também tudo falta. E o que preenche a falta não está lá. Então para além de saciar a falta, é preciso saciar as formas de saciar a falta e mesmo saciar a dúvida: o que conhecemos como saciedade dispõe de mecanismos para existir? Ou teremos que criar outro povo? Um povo de mineradores que escavasse em busca de, mais do que utensílios, formas de viver. Da ruína. Da ruína surgiria um povo que não poderia calcular a partir do dispêndio. Faria seus certames a partir da gambiarra, da bricolagem. Longe da ruína absoluta, mas reconhecendo e não podendo ignorar a crise, a ilha de Cuba a contornaria reembaralhando as cartas e criando poéticas não dispendiosas, a partir do seu lixo. (BARBOSA et al, 2018)

A partir da formalização normativa inicial da crise surge uma poética que só pode ser satisfatoriamente compreendida a partir de sua historicidade. Também o presente do ensaio analisado, conforme interpretado pelos alunos da UFRJ a partir das

noções de *ruína* e crise, só poderia ser *consistentemente* apropriado a partir dessa dicotomia paradoxalmente representada na própria forma do texto. A alegoria mobilizada, suas antinomias e a disjunção caótica com que diferentes temas e metáforas são constituídos no ensaio representam o conflito entre espiritual e mundano que, se no século XVII era contrarreforma e renascimento, hoje é capitalismo e modernidade periférica.

Nesse sentido, a noção do apagamento do futuro, uma das propostas do texto em questão, se relaciona intimamente com a experiência de tempo pré-moderno do Barroco histórico. A crise da ideia iluminista de história, desenvolvimento retilíneo rumo ao progresso e conhecimento científico do mundo, encontra expressão numa forma engendrada na temporalidade qualificada pelos desígnios divinos. Para Hansen (2001), “O tempo seiscentista pressupõe [...] o retorno do passado sobre o presente, [...] como representação da identidade do conceito indeterminado de Deus que torna semelhantes os eventos dos vários tempos, orientando-os, [...] à redenção final.”

O apagamento do futuro, aqui, é um projeto de abandono da noção de propriedade privada que fundamenta o estoque e sua violência. Sobre os Tikmũ’ũn, os autores escrevem:

Imagino se esses povos não operariam e lidariam com uma noção de impossibilidade de futuro, talvez até planejada, como um procedimento de apagamento do futuro. Tanto os destituídos de sua saciedade e categorias quanto as partes de povos que dentro de seu próprio povo foram também destituídos. Sem amanhã, não é necessário estocar e acumular os proventos. Sem acúmulo, não há excedente; sem excedente, o que podem levar os ladrões? Como poderiam impor acordos desiguais aqueles que precisam se ater às condições mínimas de existência todos os dias? (BARBOSA et al, 2018)

A proposta encontra semelhança com o que o professor Hansen entende por neobarroco diante do desenvolvimento do princípio universal da equivalência da mercadoria como correspondente funcional do deus neoescolástico do século XVII.

Hoje, quando as utopias iluministas foram postas de lado, a analogia das produções contemporâneas com a representação seiscentista é determinada pelas novas formas que a experiência do tempo vem assumindo na troca generalizada. Agora o tempo também aparece como estacionário e “frio”, porque o futuro, donde até ontem o moderno irrompia como negação revolucionária do presente, aparece bloqueado. No presente, em que ficou chato ser moderno, a cultura é a eternidade do arquivo que acumula tudo o que foi e é como multiplicidade disparatada de ruínas. A presença do presente não é nem pode ser Deus, que está definitivamente morto, mas a mercadoria, que torna o estético o anestésico alegorizante de um mesmo princípio universal, o capital. Agora, a história é o inverno da desesperança global, pois o futuro desapareceu da nossa competência, para lembrar

Oswald de Andrade. A fantasmagoria do “barroco” , que nunca houve, ressuscita, depois de três séculos em que as ruínas assim classificadas estiveram recalçadas e excluídas nos programas iluministas e pós-iluministas, como “neobarroco”. (HANSEN, 2001)

Dessa forma, é possível concluir que: 1. o ensaio analisado guarda relações com princípios estilísticos do barroco ou neobarroco, a partir dos quais pode ser lido e; 2. essas formas podem ser resgatadas e mobilizadas com potência crítica a fim de se interferir no presente. É possível falar de uma vocação contemporânea do seiscentismo enquanto maneira de se alcançar e utilizar-se das trevas do presente, como quer Agamben. Para isso, nada parece mais apropriado do que a estética que institucionalizou o *chiaroscuro*. Como escreve o filósofo italiano, “[contemporâneo] É também quem, dividindo e interpolando o tempo, está em condições de transformá-lo e colocá-lo em relação com os outros tempos, ler nele a história de maneira inédita, “encontrar-se” com ela segundo uma necessidade que não provém absolutamente de seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode deixar de responder.” (AGAMBEN, 2010).

Aqui, a exigência a que se responde é a de pensar a condição da poesia colonial como berço e presente das letras brasileiras. O que significa escrever poesia num mundo como o nosso? Em que aos estudantes do curso de letras da UFRJ interessa pensar seu lugar como ruína? A partir da historicização radical é possível se apreender um tempo em sua particularidade a fim de melhor perceber o atual, estranhando-o. Daí o caráter quase-antropológico do processo, que por fim ganha seu relato na forma de diário de campo. Analisar documentos de uma cultura que é a própria, mas é outra; estranhar-se, usando as ferramentas da lida com as trevas do passado para olhar as do presente; Tentar a descolonização permanente do conhecimento, perceber as determinações culturais da racionalidade ocidental, matar o universal.

Essas foram algumas das reflexões que se tornaram possíveis com a pesquisa que resultou no *Catálogo da poesia seiscentista da Biblioteca Nacional*. Aqui, houve espaço para falar do trabalho das mãos, que entre dificuldades reuniu um conjunto de informações úteis para qualquer pesquisador do século XVII, e para as derivas da cabeça, que começaram no seiscentos, passaram pela teoria social e terminam no neobarroco contemporâneo. Espero, dentro dos caminhos do labirinto da experiência, ter sido capaz de fazer um relato consistente.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* In. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2010.

BARBOSA, Luiz Guilherme et. al. *Consistência*. In. *uma praça é a chance de uma cidade v. 3*, A capacidade de saber mais que os maiores gênios da renascença em um clique. Rio de Janeiro: Laboratório da palavra UFRJ, 2018, no prelo.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. *Estudo retórico-poético das letras luso-brasileiras do século XVII*, prefácio do *Catálogo da poesia seiscentista da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2018. No prelo.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigações sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. São Paulo: Ateliê editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

_____. *Barroco, neobarroco e outras ruínas*. Teresa, revista de literatura brasileira da USP, n. 2, p. 10-67, 2001. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/teresa/article/viewFile/116560/114160>

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/1970*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

HOMBEECK, Lucas van. *A boca e a ordem: sátira e sociedade em Gregório de Matos*. Comunicação apresentada na III Jornada de pesquisadores da Fundação

Biblioteca Nacional, Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2018. No prelo.

HUE, Sheila Moura; PINHEIRO, Ana Virgínia. *Catálogo dos Quinhentistas Portugueses da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

PEREIRA, Marcelo Andrade. *Barroco, Símbolo e Alegoria em Walter Benjamin*. Revista ANALECTA Guarapuava, Paraná v.8 nº 2 p.47-54 jul./dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/analecta/article/viewFile/1806/1602>